

# Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO  
Armando Rocha Cruz

DIRECTOR  
JOÃO ADELINO DIAS PENA

ANO I N.º 20

DOMINGO - 25 de Outubro de 1953

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 21

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TELEFONE 59

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AVENÇA

## Conta-Gotas

por Maria Manuela Nunes

### Diário

Ali, meus olhos turvaram-se de lágrimas. Os dias passados voltaram a esta alma como as andorinhas, depois de longa ausência, ao ninho amoroso. Só a realidade ficou pelo caminho como o lastro que se abandona para subir mais alto. A velha figueira secou e foi arrancada.

Já não nascem morangos no jardim. Maria já não procura, em catálogos vindos do Porto, as flores que deve pôr nos canteiros de terra negra. A avó é outra senhora, ali ao canto da lareira, chegando sucessivamente mancheias de agulhas para manter o lume. Penso que, de um momento para o outro, José vai aparecer no carreiro com aqueles seus longos olhos floridos. O cenário está pronto: o palco está montado... Jogam apenas sombras invisíveis. Apenas sombras, não. Também duas serenas, agradecidas lágrimas.

### Quem na tem chama-lhe sua...

Não há dúvida que o conceito de liberdade é extremamente variável. Para alguns, liberdade é poder auferir lucros fabulosos à custa do suor alheio; para outros, a liberdade é impedir que, à custa do suor alheio, os outros façam lucros fabulosos. Quando alguém falar em liberdade procura saber a que espécie de liberdade se refere.

### Palavras

Meu Deus! Como as palavras são elásticas! Como podem servir até o próprio sentido contrário delas! É por isso que as sagradas escrituras mandam que apenas os actos dêem testemunho.

### Não é?

Há pessoas absolutamente incapazes de honestidade. Tão incapazes que fingem ser honestos para esconder essa incapacidade.

### Apontamento

Tem um nariz disforme. Poderia dizer isto servindo-me de um eufemismo, mas disforme é a palavra que se ajusta perfeitamente. Então, quando isto acontece o melhor é disfarçar, pintar pouco os lábios, tornar as sobrancelhas mais espessas pentear para os lados o cabelo tanto quanto possível comprido, precisamente o contrário do que ela faz... O problema está em dizer-lhe isto mesmo. Um imenso receio de a ferir tolhe-nos os passos. Se ao menos ela pudesse ler esta secção...

### Um poema breve

A fronteira da paz passa pelo nosso peito. Defendamo-la.

## Eleições

Promovido pela Comissão Executiva da União Nacional, realizar-se-á, no próximo dia 31 do corrente, em Faro, no Ginásio do Liceu, uma sessão de propaganda eleitoral, que será presidida pelo nosso conterrâneo, antigo ministro, deputado e vice-presidente da Assembleia Nacional transacta, sr. Eng.º Sebastião Ramires.

Serão oradores os srs. Comandante Henrique Tenreiro, Tenente-Coronel Manuel de Sousa Rosal Júnior e Dr. João Ameal, candidatos pelo Algarve.

## OS PESCADORES DE OLHÃO

### NO POVOAMENTO DO SUL DE ANGOLA

Pelo Dr. ALEXANDRE SARMENTO

EM TELEGRAMA expedido de Angola noticiou o «Diário Popular» que Sebastião Sena — que partiu de Olhão em 1830, apenas com sete anos, a bordo do caique «S. José Primeiro» — completara 80 anos de idade e 73 de per-

notícia do 80.º aniversário de um desses bons portugueses que souberam tornar retintamente lusitana, no corpo e na alma, toda a larga faixa do território angolano que escolheram para sua segunda terra.

Está averiguado que foi em



Um aspecto da vila de Olhão

manência consecutiva em Porto Alexandre.

Esta notícia traz-me ao espírito a lembrança do quanto a colonização do litoral do sul de Angola é devedora à brava gente daquela vila algarvia cujo nome bem merecia ser dado a qualquer povoação da costa meridional angolana.

Não é meu intento traçar aqui a história desse povoamento, nem fácil seria fazê-lo nos curtos limites de um artigo.

Apenas quero apontar nestas notas, e mesmo assim muito resumidamente, algo de muito que os algarvios de Olhão fizeram na colonização do distrito de Moçamedes e que me é agora evocado, repito, pela

### Roleta nas feiras

Por determinação do ilustre Governador Civil do Algarve, sr. Eng.º Mascarenhas Gaivão, foi proibida a actuação na Feira de Santa Iria, em Faro, das barracas de roleta, que deixaram um triste rasto noutras feiras do Algarve. Foi uma decisão justíssima e louvável, porquanto, embora se pretextasse com a receita arrecadada nessas barracas para fins de assistência, em grande parte dos casos os organismos contemplados com esse dinheiro, tão mal angariado, deveriam começar a exercer a sua acção... à porta das referidas barracas — restituindo a muitos operários o salário da semana (o pão das respectivas famílias...), que lá deixaram ficar, imprevidentemente.

Bem haja, pois, o sr. Governador Civil.

1860, a bordo da barca «D. Ana», que chegaram a Moçamedes os primeiros colonos algarvios de Olhão.

De Moçamedes, este primeiro grupo de pescadores deslocou-se para o Baba, a cerca de 20 milhas mais ao norte, onde se fixaram naquela vastíssima praia que lhes pareceu local apropriado para o exercício das suas fainas marítimas.

Segundo informa um dos mais competentes e devotados investigadores destes assuntos, Dr. Mendonça Torres, esses primeiros colonos algarvios «dedicaram-se não só à pesca de linha, com aparelhos de espinel (linhas extensíssimas, tendo presas, de espaço a espaço, outras mais curtas com anzol), como também à extracção de óleos de fígados de cação».

Depois deste primeiro grupo, um outro se seguiu, desembarcando no Baba, em Março de 1861.

Quatro meses depois, um terceiro grupo aportou a Moçamedes a bordo do navio «D. António», trazendo consigo a primeira rede e uma canoa.

Ainda nesse mesmo ano de 1861 — que marca sem dúvida um momento importante na história da emigração olhanense para Angola — um quarto grupo de pescadores dessa origem chegou a 3 de Agosto a

(CONCLUI NA 6.ª PAGINA)

## MARROCOS E NÓS

Pelo Dr. F. FERNANDES LOPES

SABE-SE como é costume, da parte do povo inculto, atribuir aos moiros, especialmente no sul de Portugal, tudo aquilo que de ruínas de edifícios algo antigos se encontra por aqui ou ali...

Evidencia, sem dúvida, este eco a importância que entre nós teve o domínio último da moirama.

Pois um caso inversamente simular se dá em Marrocos, onde hoje, do nosso extenso domínio durante nada menos de três séculos e meio — (de 1415 a 1769) — só existem «uns restos de muralhas nos lugares que ocupámos e a tradição, no sul, que atribui aos portugueses as edificações arruinadas que por lá se encontram e cuja origem se ignora.» (David Lopes).

Sabe-se com efeito, como, tendo começado em 1415, com a tomada de Ceuta pelo rei D. João I e seus filhos maiores, (D. Duarte, D. Henrique, D. Pedro), esse domínio prosseguiu, depois do desastre de Tânger, com a conquista de Alcacer-Ceguer, — (o castelo pequeno) — e depois com a tomada de Arzila, (tão memoravelmente retratada nas famosas tapeçarias de Pastrana), e a conseqüente aquisição da Tânger almejada. Veio a seguir a fortaleza da Graciosa nas margens do rio de Larache, talvez que para se tentar manter em respeito a populosa e

forte Alcacer-Quibir, — (o castelo grande) — e impedir assim as frequentes visitas do rei de Fez aos campos de Arzila e Tânger... A força das coisas traz em seguida e sucessivamente, como num filme: em 1506, o Castelo Real diante da ilha do Mogador, completado com a tomada de Safim em 1508 e a de Azamor em 1513, e, por fim, reconhecida a excelência da baía e praia de Mazagão (onde para esta última conquista o duque D. Jaime de Bragança desembarcara com os seus 18.000 homens), o castelo fortíssimo que em Mazagão os arquitectos Arrudas elevaram como sentinela exemplar. Vinhou ainda, na progressão para o sul, o castelo de Santa Cruz onde é hoje Agadir.

(CONCLUI NA 5.ª PAGINA)

### FOI CONCEDIDA

à Junta de Freguesia  
a quantia de 6.600\$00

para manutenção do seu Refeitório

Pela Câmara Municipal deste concelho, foi concedida à Junta de Freguesia, uma verba de 6.600\$00 destinada à manutenção do refeitório que a mesma Junta mantém em benefício dos pobres e indigentes, quantia que foi possível obter em diversos divertimentos instalados no recinto da Feira local, recentemente realizada.

## Campanha contra o

## ANALFABETISMO

SOB a presidência do sr. Dr. Manuel Vargas, ilustre presidente da Câmara de Vila Real de Santo António, que se fez ladear pelos srs. José Marcos da Fonseca, digno adjunto da Direcção Escolar de Faro, Delegado Escolar neste concelho e professoras sr.ªs DD. Maria da Purificação Correia, directora da escola feminina e Gabriela de Sousa Rosa, da escola masculina de Vila Nova de Cacela, teve lugar no passado dia 22, uma reunião pedagógica na escola masculina desta vila, a que assistiram todos os agentes de ensino do concelho.

Aberta a sessão, foi dada a palavra ao Delegado Escolar, professor sr. Alvaro Vitorino Primitivo, que falou largamente sobre a imperiosa necessidade da redução ao mínimo possível, do índice do analfabetismo em Portugal. Focou brilhantemente todos os aspectos do importante problema em que a Nação inteira se empenha em resolver no mais curto lapso de tempo, incitando o professorado e regentes escolares ao árduo sacrifício de ensinar quer sobrando os cursos de educação de adultos, quer leccionando em regime de Campanha. Apontou todos os esforços empregados, e de não poucos frutos já colhidos, salientando o trabalho insano a que se devotou o Ministério da Educação Nacional, pela acção inteligente e criteriosa de S. Ex.ª o Subsecretário de Estado. Seguiu-se no uso na palavra o sr. Adjunto do Director do Distrito Escolar que, depois das habituais saudações, referiu-se elogiosamente à acção e palestra do sr. Delegado Escolar, salientando a forma brilhante como encarou o problema nos múltiplos e variados aspectos de reconhecida necessidade para o levantamento do nível cultural do Povo Português e engrandecimento da Nação. Focou também, e proficientemente, alguns pontos do problema, revelando que a Direcção Escolar de Faro, está no firme propósito de trabalhar em íntima colaboração com todos os agentes de ensino do Distrito, de forma que o fim em vista seja atingido e o Distrito continue a marcar.

Encerrou a sessão o sr. Dr. Manuel Vargas, que elogiou a acção governativa por tudo feito em prol da educação e instrução popular, referiu-se à acção do professorado do concelho e prometeu fazer tudo quanto em suas forças caiba para que no concelho, o nacional empreendimento resulte profícuo.

## Concurso de Trabalho

SOB a égide da Organização Nacional Mocidade Portuguesa, está a realizar-se em Lisboa, o 3.º Concurso de Trabalho, destinado especialmente ao estímulo e aperfeiçoamento dos pequenos aprendizes das várias modalidades industriais e das Escolas Técnico-Profissionais.

É-nos grato registar que mais um ano a nossa vila se faz representar com uma equipa que decerto conseguirá obter classificação tão boa como a do último ano e em que contamos um primeiro prémio em Marcenaria e um 2.º em carpintaria.

E se essa representação deste ano nos enche de júbilo ela é ainda maior visto ser a que representa o Algarve.

Os concorrentes: António Aguedo Afonso Gomes, na secção de Rádio Montador, da Casa Manuel da Silva Noy; Victor dos Santos Brito, Marcenaria, do Centro de Adaptação ao Trabalho (Centro Extra-Escolar N.º 1 da M. P.); Jorge da Encarnação Bonança, Carpintaria, da oficina de Francisco Morgado; e Alexandre da Purificação Liborio, Freza,

(CONCLUI NA 5.ª PAGINA)

## NOTÍCIAS PESSOAIS

## Partidas e Chegadas

A continuar os seus estudos seguiu para Coimbra, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Elisa de Melo Coutinho de Lencastre, gentil filha do nosso prezado assinante, sr. Dr. Albano de Lencastre, distinto médico-cirurgião, nesta vila.

De visita a sua família encontra-se entre nós, o nosso prezado amigo e assinante, sr. Manuel José Dias, residente em Tanger.

Acompanhando os filiados, que foram a Lisboa representar a Ala 6.<sup>a</sup> da Mocidade Portuguesa, desta vila, no Concurso de Trabalho, que ali se realiza, encontra-se na Capital o nosso prezado assinante sr. Alvaro do Carmo Padesca, chefe das oficinas da Serralharia da firma Soc. Acc. Angelo Parodi fu B.<sup>mco</sup>.

## Pedido de casamento

No dia 12 do corrente, em Faro, onde reside a família da noiva, foi pedida em casamento pela sr.<sup>a</sup> D. Maria Luisa Salema de Carvalho Cordeiro, viúva do sr. Eng.<sup>o</sup> Alexandre Oscar Durão de Carvalho Cordeiro, para seu filho, sr. João Luís Salema de Carvalho Cordeiro, oficial da Marinha Mercante e distinto Director do nosso prezado colega, «O Castelvidense», a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição Sanchez Ramirez, gentil e prezada filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria del Carmen Ortigão Gomes Sanchez de Ramirez e do nosso querido amigo e prezado assinante, sr. Mário Garcia Ramirez, proprietário e industrial.

Ao acto assistiram numerosas pessoas de família dos noivos, e ainda o sr. Dr. Gonçalo Bandeira Pessanha e outras pessoas vindas de Castelo de Vide, que foram gentilmente recebidas em casa dos pais da noiva.

O casamento deve efectuar-se nos primeiros dias de Dezembro, possivelmente no dia 8, dia de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Conceição.

Enviámos aos noivos as nossas saudações, formulando votos de inteira felicidade no seu futuro lar.

## Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, no dia 16 do corrente, em quarto particular na Maternidade da Misericórdia, desta vila, a sr.<sup>a</sup> D. Maria das Dores Graça Salas, dando à luz uma criança do sexo masculino, esposa do nosso prezado assinante sr. João Borges Salas.

Igualmente teve o seu bom sucesso, no passado dia 17, dando à luz uma criança do sexo masculino a sr.<sup>a</sup> D. Julieta dos Reis Helena, esposa do sr. António da Conceição Mendes.

Aos felizes pais, os nossos sinceros parabéns.

## Baptismo

Realizou-se no passado dia 18, na Igreja Paroquial de S. Braz de Alportel, o baptismo do interessante filhinho da sr.<sup>a</sup> D. Fernanda Baptista Primitivo e do sr. António Mariano Pires.

Do neófito, que tomou na pia Baptismal o nome de Eduardo José, foram padrinhos, a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Encarnação Batista Vale e o sr. Armando Rocha Cruz.

Após a cerimónia, foi servido aos convidados um finíssimo copo de água.

## Falecimento

No passado dia 21, faleceu inesperadamente na sua residência, o sr. Francisco Gomes Néné, de 72 anos de idade.

O falecido, que foi durante muitos anos empregado da firma Soc. Acc. Angelo Parodi fu B.<sup>mco</sup>, desempenhou o cargo de escrivão da Companhia de Pescarias «Santa Maria», nas épocas do atum.

Era pai das sr.<sup>as</sup> D. Maria do Carmo Moreno Néné Oliveira, D. Maria da Encarnação Bento Néné e dos srs. Aurélio Moreno Néné e António Gomes Néné, e cunhado dos srs. Artur Bento Domingues, Domingos Bento Domingues, Norberto Bento Domingues e da sr.<sup>a</sup> D. Deolinda Bento Domingues Guerreiro.

O seu funeral realizou-se no dia seguinte e constituiu uma grande manifestação de pesar.

O «Notícias do Algarve», apresenta a toda a família enlutada, a expressão muito sentida das suas condolências.

## JOSÉ BORGES DA GAMA

## MÉDICO

Abriu consultório na Rua Conselheiro Frederico Ramirez

Consultas às 16 horas

Vila Real de Santo António

## Noticiário da Província

## SILVES

## Presidente da Câmara

Completo-se o segundo aniversário da posse do sr. Dr. Luís Gordinho Moreira como presidente da Câmara Municipal desta cidade.

Tendo exercido as suas funções de forma a merecer geral agrado, cumprimentamo-lo, fazendo votos para que continue, por largos anos, a dirigir o Município de Silves.

## Escola Comercial e Industrial

Foram colocados neste estabelecimento de ensino técnico, como professores, os srs. Dr. José Victorino Formozinho Mealha, Dr.<sup>a</sup> D. Leonor Duarte Marques, D. Maria da Natividade Henrique Rêgo, D. Lucia Duarte Ferraz de Carvalho, Dr. António Correia de Brito da Mana, P.<sup>o</sup> José dos Santos Oliveira, Dr. Rui Carvalho Marques da Silva, Eng.<sup>o</sup> João Francisco Quaresma de Carvalho, D. Emília Aurora Cabido Esteveira e o escultor Fernando Loureiro. — C.

## LOULÉ

## Feira Franca

Realiza-se nesta vila, nos próximos dias 28 e 29 do corrente, a habitual feira franca, que promete ser este ano largamente concorrida, em virtude da larga antecedência com que se têm feito marcações de terreno e do elevado número destes pedidos.

## Monumento a Duarte Pacheco

Já se encontra marcado para o dia 16 do próximo mês de Novembro, a inauguração do monumento à memória do Eng.<sup>o</sup> Duarte Pacheco.

A Casa do Algarve, Rua Capelo, 5, telefone 23240, em Lisboa, aceita a inscrição, todos os dias, das 10 às 22 horas, das pessoas, algarvios ou não, residentes em Lisboa, quer desejem assistir à cerimónia da inauguração e queiram utilizar o transporte por caminho de ferro. Se o número de inscrições permitir, organizar-se-á um comboio rápido, a preços bastante acessíveis, que fará o percurso, de vinda e regresso, no mesmo dia. — C.

## FARO

## Feira de Santa Iria

Decorreu animadamente, com farto número de feirantes e uma excepcional afluência de forasteiros, a tradicional feira de Santa Iria, das mais importantes que se realizam no Algarve.

Tendo início no dia 20, prolongou-se por toda a semana, sendo muito visitada por gente vinda não só de todos os pontos do Algarve, como, também, do Baixo Alentejo. O tempo, com o calor, os dias lindos e as noites agradáveis, que são características do verão de S. Martinho, contribuíram longamente para o completo êxito da Feira.

## Formatura

Concluiu a sua formatura em Ciências Diplomáticas e Económicas, com alta classificação, no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Isidra Rocha Contreiras, natural de Loulé, filha do sr. António Francisco Contreiras, conceituado comerciante naquela vila, e irmã da sr.<sup>a</sup> D. Maria Antonieta Rocha Contreiras, distinta médica nesta cidade. — C.

## OLHÃO

## Melhoramentos públicos

Vão iniciar-se, dentro de breves dias, duas importantes obras, que representam grandes melhoramentos para esta vila. Uma delas, a instalação para abastecimento de água a esta vila, no valor de vários milhares de contos, foi adjudicada ao sr. Eng.<sup>o</sup> Ferreira Chaves, do Porto. A outra, que se refere à segunda fase da construção do porto de pesca, é empreitada do sr. Eng.<sup>o</sup> Bento Louro, de Faro.

É verdadeiramente de louvar a acção do Presidente da Câmara, sr. Lourenço Mendonça, no sentido de conseguir dar realidade a estes importantes melhoramentos locais. — C.

## O vôo das aves

Foi apanhado na praia de Monte Gordo pelo sr. José Pires um passarinho que trazia numa das pernas uma anilha com a seguinte indicação: — Mosen Paris H. P. 5395

## CINEMA

## Um pouco sobre o cinema em relêvo

O CINEMA em três dimensões (3-D — como os jornais agora apregoam) não constitui nenhuma novidade na existência da sétima arte. Acontece que, desta vez, os americanos, diante da bancarrota do seu cinema, lançaram-se com unhas e dentes à exploração do grande invento.

Cada monopólio americano arranhou mesmo uma patente privativa. Assim, por exemplo, a Metro utiliza o sistema «audiscopic», a Columbia o processo «natural vision», e a Zoth Century Fox o «Cinemascope», que parece levar vantagem sobre os seus rivais americanos. O «Cinemascope» do inventor francês Henri Oréatien baseia-se, como todos os outros, no écran curto e panorâmico. Em New-York estão a ser construídos já monumentais cinemas para a exploração do «Cinemascope».

Isto — passa-se na América... Na Rússia, todavia o cinema em 3 dimensões existe desde 1940. O invento de Sergio Ivanov exigiu do governo grandes somas de rublos; basta dizer que o primeiro écran exigiu do sistema de Ivanov pesava dezoito toneladas!

Em 1946 foi apresentada em Moscovo a primeira película de grande metragem em relêvo, «Robinson Crusoe», cujo sensacionalismo advinha de uma espessa selva virgem, onde os passaros e macacos davam a impressão de voarem e saltarem sobre a cabeça dos espectadores...

O sistema em relêvo de Ivanov é ainda desconhecido fora da Rússia.

## DE VEZ EM QUANDO...

## VAQUEIROS

É O MEU concelho constituído por cinco freguesias, ocupando uma vasta área do Algarve.

A sua população é ordeira e laboriosa, vivendo na sua quase totalidade em nível abaixo do normal.

Sustenta-a uma precária agricultura, sendo modesto o comércio e quase inexistente a indústria. Os terrenos são pobres e estão exaustos por um persistente cultivo feito muito dele por primitivos processos. Não se conhece a maquinaria agrícola mais dada a terras de outra orografia e profundidade.

A arborização podia ser mais intensa mas o cultivador não pode esperar por proventos futuros, e a cabra, que lhos dá no presente, vai com o seu dente fino e agressivo rasando tudo o que queira medrar.

Sempre me dei bem com a gente do meu concelho. E se todas as freguesias merecem a minha estima tem a minha especial simpatia *Vaqueiros*, de todas a mais pobre e a mais esquecida.

Filho esta minha predilecção pela natural tendência que sinto de me aproximar dos humildes.

Os poderosos já têm os favores que os seus bens lhes dão e são os humildes que devem merecer o nosso amparo, modesto, embora valioso, todavia, se for sincero e desinteressado.

Não conheço bem a freguesia de Vaqueiros. Sei contudo que a sua gente tem uma existência difícil, lutando arduamente com montes ásperos e íngremes para arrancar deles o seu parco sustento.

Lugarejos há que vivem como se estivessem no fundo de um poço. Só vêm o Sol quando ele lhes passa em linha perpendicular.

São ingénuos e honestos os seus habitantes. Alguns houve que ignoraram a existência da última guerra; para eles a

vida é sempre igual — agressiva e rude.

Da sua honestidade posso eu dar fé. A muitos emprestei dinheiro — pequenas quantias para as suas prementes necessidades e nem eu tinha para emprestar maiores — e todos as satisfizeram.

Estava eu em Monte Gordo quando eu, tendo ido à feira de S. Bartolomeu, até lá avançou para a liquidar. Outro, que vivia de mendigar, entregou a interposta pessoa a quantia que me pedira. Faltavam 2\$50 que ele naturalmente não conseguiu arranjar no pedatório.


Nunca mais o vi, e sei que já morreu, para lhe retornar a importância que não pensara mais em receber. E não minto se disser que a alguns não conhecia quando me procuravam e os podia servir.

Não são estas linhas para meu panegirico, mas para lembrar uma parcela pobre do meu pobre concelho e reafirmar-lhe a minha viva simpatia embora esteja longe.

## Trindade e Lima

**EXCELSIOR**

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



**TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL**

Depositário nesta Vila:  
**MANUEL DA SILVA DOMINGUES**  
Avenida da República-Telefone 12

## Dactilógrafo

Oferece-se ao domicílio, e bem assim para arquivo de correspondência e ficheiro.

**Manuel Monchique Ribello Alves**  
Vila Real de Santo António  
Telefone 211

## AGENDA

Movimento da Lota de Vila Real de Santo António de 16 a 22 de Outubro:

## Trainceiras:

Flor do Guadiana	37.780\$00
Raulito	35.040\$00
Liberta	30.990\$00
Brisa	27.175\$00
S. Domingos	24.785\$00
Flor do Sul	24.625\$00
Tufão	23.885\$00
Janita	19.530\$00
Levante	17.810\$00
Maria Rosa	16.917\$00
Pérola do Guadiana	14.365\$00
Norte	13.030\$00
Leste	9.480\$00
Norueste	2.910\$00
Jomanel	1.620\$00
Total	299.942\$00

## Cercos:

Amazona	23.990\$00
S. José 3. <sup>o</sup>	3.870\$00
Total	27.860\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 16 a 23 de Outubro:

## Entrados:

SILVA GOUVEIA, Português, de 893 toneladas, do Porto, vazio.  
CELESTE AIDA, Italiano, de 450 toneladas, de Lisboa, com carga diversa.  
COSTEIRO, Português, de 629 toneladas, de Lisboa, com adubos.  
ALABE, Panamiano, de 1595 toneladas, de Ayamonte, vazio.

## Saídas:

MARIA B, Italiano, para Livorno com escala por Mazagan, com conservas.  
CELESTE AIDA, Italiano, para Marselha e Génova, com amendoas e conservas.  
SILVA GOUVEIA, Português, para Lisboa, com minério.

## FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 24 a 31 de Outubro, a Farmácia Carrilho, Praça Marquez de Pombal-Telefone 49.

## HORÁRIO DE CAMIONETES

Vila Real - Faro:  
As 7,25 - (faz ligação com a de Lisboa) - 9,30 - 11,25 - 12,30 - 14,30 - 16,25 - 17,30 - 18,30.

Vila Real - Mértola:  
Saída de Vila Real, às 8,30, chegada a Mértola, às 12,5 horas.

Saída de Mértola, às 17, chegada a Vila Real, às 20,30 horas.

Estas carreiras realizam-se diariamente.

Vila Real - Martinlongo:  
Saída de Vila Real, às 16,30, chegada a Martinlongo, às 19,45 horas.

Saída de Martinlongo, às 7, chegada a Vila Real, às 10,15 horas.

Estas carreiras não se efectua aos domingos.

Todas estas camionetas passam por Alcoutim.

## HORÁRIO DE COMBOIOS

Partidas de Vila Real - Lisboa:  
Rápido, às Segundas, Quartas e Sextas-feiras, às 13,13 horas.  
Correio, às 21,33 todos os dias.

Partidas de Vila Real - Lagos:  
As 6,38, 15,43, 16 e 18.  
a) Estes dois comboios partem da Estação.

sia, China e outros países comunistas. No entanto — e o «Século Ilustrado» publicou em tempos desenvolvido artigo sobre o assunto — a Rússia chegou a negociar, em 1941, com a Argentina, a apresentação do seu sistema de cinema estereoscópico e propunha-se mesmo proceder ao envio de técnicos especializados para a sua montagem. O corte de relações diplomáticas entre os dois países pôs fim, infelizmente, a tão interessantes perspectivas.

O cinema em relêvo é pois, uma realidade bela e indiscutível, que demorará tempo a dar-nos os seus frutos...

Frutos que marcam mais uma primavera larga e risonha, depois do «mudo» e do «sonoro», na jovem Arte do Cinema...

Aguardemos que essa primavera chegue até nós!

Vitoriano Rosa

**PARA SI,  
minha Senhora  
OS BORDADOS  
E AS RENDAS**

por Noémia Gil Faria

JÁ SE vão definindo, a pouco e pouco, as tendências da nova moda, que tão confusa se apresentava. A linha vencedora foi a direita e, por isso, quase todos os vestidos e casacos têm as saias na linha «fuso». O comprimento ainda oscila, mas com tendência a fixar-se numa altura discreta e, ao mesmo tempo, elegante: a trinta e dois centímetros do chão. Já sabemos também que em matéria de casacos se usam os de fazendas lisas até às cinco horas e os felpudos ou de peles depois dessa hora. Alguns costureiros apresentam, agora, casacos de peles forrados com lindas fazendas de lã, em vez dos clássicos forros em setim. O acabamento é tão perfeito que permite vestir-se o casaco de um lado ou do outro. A ideia agrada imenso ao marido, pois a compra do casaco de pelos soluciona, ao mesmo tempo, o problema do casaco «prático».

Uma das maiores novidades da estação é, porém, o uso, o abuso dos bordados. Não aqueles bordados feitos à máquina que, durante cinco anos, cobriram os nossos vestidos e os nossos casacos. O bordado 1954 é delicado e constitui apenas uma nota de cor discreta; nesta época da máquina, é feito à mão. As senhoras têm de voltar à agulha minúscula e à linha muito fina para bordarem as ilhozes, as folhas cheias e os recortes do lindo bordado inglês, pois é ele o usado em golinhas discretas, em aligeiras minúsculas, em encaixes de blusas, em corpos de vestidos e até... em chapéus de feltro.

A Rainha Isabel II se deve, em grande parte, esta voga do bordado. Os seus vestidos de gala, na sua grande maioria, empregam-no e ninguém ainda esqueceu o seu vestido

da Coroação, completamente bordado à mão, em desenhos caprichosos.

Evidentemente que os nossos vestidos de noite não pretendem ser iguais àquela verdadeira obra prima da arte de bordar, mas fazem-nos voltar muitas dezenas de anos atrás, quando as sedas, as missangas e os vidrinhos de cores guarneciam as mais belas sedas. Depois dos bordados vêm as rendas. Anos e anos postas de parte elas regressaram, agora. Nas várias colecções há vestidos de jantar e de «cocktail», na linha «sino», cobertos de rendas lindíssimas e há vestidos de noite maravilhosos, sem cortes especiais e sem guarnições, vestidos que vivem apenas pela riqueza das mais belas rendas. Na realidade, elas só têm um defeito: é o seu preço sempre elevado. Por causa disso os costureiros apresentam encantadores vestidos em que a renda aparece com toda a sua beleza mas incrustada em seda ou na fazenda, o que torna os modelos muito mais baratos. Esta voga da renda destronou, por completo, aqueles horríveis vestidos de noite que, sem arte e sem distinção, mostravam desguarnecidos os ombros e o colo. Nas galas de 1954, a substituir esses feios modelos, veremos os ombros, encantadoramente velados com a beleza delicada da renda, frágil como um sonho e delicada como a espuma...

**Vimos para si,  
nas montras do chiado...**

...chapéus de chuva muito esguios, com a «ponteira» tão alta como as dos chapéus dos cavalheiros. Os cabos, lindos e moderníssimos. Iguais, iguaisinhos àqueles que descobrimos nos solões e com que brincávamos «às senhoras» aqui há uns trinta anos.

...gravatas para homem nos modernos fundos cinzentos com desenhos esquisitíssimos de colorido e disposição inteiramente novos.

...um chapéu de feltro com uma parte móvel que pode ser colocada de maneira diferente. De uma das formas é um chapéu prático; da outra, e com um bonito prego de «strass», transforma-se em modelo para «depois das cinco».

Visado pela Comissão de Censura

GAZETILHA

**○ OUTONO**

Salvo algum mal-entendido, já foi substituído, o Verão, esse cavalheiro dos dias grandes autor, das praias amo e senhor e quente, como o primeiro!

Rendeu-o um tal Outono que, achando bem pouco o sono concedido pelo Verão, decretou, sem mais demora: «aumente o sono uma hora, atraze o relógio então!»

Viu, também, que a juventude se espreguiçava a miude, nada tendo que fazer, e tomou medidas sérias: «abram aulas, findem férias, toca a ler e a escrever...»

Depois de abrir toda a escola notou o jogo da bola progredindo muito à pressa, passou de azul a cinzento, mandou chuvas, mandou vento, mas a claque não foi nessa...

BIN OCLO

**Armando Rebelo de Sousa**

Foi recebida, nesta vila, com muito júbilo, a notícia da nomeação para o cargo de Agente do Banco de Portugal nesta vila, do nosso prezado amigo sr. Armando Rebelo de Sousa, que desempenhava, desde há alguns anos, identicas funções em Faro.

Funcionário muito distinto e competente, soube grangear, na sua anterior passagem pela Agência local daquele estabelecimento bancário, gerais simpatias e respeitosa estima, graças às suas qualidades pessoais.

Apresentamos, pois, ao nosso estimado amigo sr. Armando de Sousa, cumprimentos de boas vindas, com votos de muitas felicidades.

**XI-O MUNDO MARAVILHOSO DO ÁTOMO**

**REACÇÕES NUCLEARES  
PARTÍCULAS BOMBARDEANTES  
CICLOTRÕES - SECÇÃO EFICAZ**

pelo Capitão ANTÓNIO GONÇALVES

1 — *Reacções nucleares ou transmutações* — São reacções que alteram a estrutura íntima do átomo, dando novos elementos. São, portanto, reacções muito mais profundas que as reacções químicas, porquanto estas últimas não alteram a estrutura do átomo.

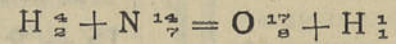
As reacções nucleares podem ser obtidas naturalmente ou artificialmente.

As reacções naturais são todas aquelas que se obtêm pela transmutação dos elementos radioactivos.

As reacções artificiais são as que se obtêm pelo bombardeamento de particulas exteriores sobre os elementos, dando outros elementos. O resultado obtido por este processo é tão maravilhoso que se chegaram a obter novos elementos que não existiam na Natureza. Completou-se e ampliou-se assim o quadro de Mendelejeff para além do urânio, com a descoberta dos elementos transurianos, como são, por exemplo, o neptúnio, o plutónio e o amerício, todos eles radioactivos.

A primeira reacção artificial foi obtida por Rutherford, em 1919, bombardeando o azoto com particulas alfa. O resultado da reacção foi a obtenção dum isótopo de oxigénio e de protões (núcleos de hidrógeno).

A reacção pode ser traduzida do seguinte modo:



Hoje, praticamente, todos os elementos podem sofrer transmutações sob a acção de particulas bombardeantes. O velho sonho alquimista da conquista da pedra filosofal passou a ser o problema da actualidade, e a darmos crédito a notícias que circularam sobre as propriedades de certa espécie de alfaces obtidas nos arredores de Hiroshima, alguns anos após a explosão da bomba atómica, elas bem podiam substituir o elixir da longa vida.

2 — *Partículas bombardeantes* — As principais particulas bombardeantes são as seguintes:

- Potrões . . . . . iões de hidrógeno
- Deutões . . . . . iões de hidrógeno pesado (deutério)
- Particulas alfa ou heliões . . . . . iões de hélio
- Neutrões
- Fotões gama

Sendo os protões, deutões e heliões carregados positivamente, compreende-se que seja necessário imprimir-lhes grandes velocidades, a fim de possuírem energia bastante para chocarem com um núcleo, de modo a produzir a transmutação do mesmo e vencer a sua acção repulsiva, pois estes possuem também carga positiva.

Sob este ponto de vista, os neutrões são os projecteis bombardeantes ideais.

3 — *Ciclotrões* — De todos os aparelhos ideados para produzir aceleração aos iões, evidencia-se o ciclotrão, por ser o que tem dado maiores resultados. Ele é fundamentalmente constituído por um electro-iman e uma câmara de aceleração. A câmara de aceleração está colocada num campo de electro-iman. É metálica, tem normalmente a forma cilíndrica, estando dividida em dois semi-cilindros um pouco afastados um do outro, sendo o seu eixo perpendicular às linhas da força do campo magnético.

A cada semi-cilindro é aplicada uma tensão alternativa de alta frequência de alguns milhares de volts. Entre os semi-cilindros, e próximo do eixo, existe uma origem iónica. Os iões produzidos, pelo facto da existência da corrente alternativa de alta frequência referida, conjugada com o campo magnético do electro-iman, tendem a percorrer um movimento espiraloide no interior da câmara, aumentando cada vez mais a sua aceleração. Eles acabam por ir chocar de encontro ao corpo que se pretende bombardear, que está igualmente entre os semi-cilindros e afastado do centro.

Modernamente têm-se construído ciclotrões aperfeiçoados, com o nome *bevatrões* e *cosmotrões*, cuja corrente de alta frequência tem voltagens de cerca de um bilião de volts.

4 — *Secção eficaz* — Não devemos esquecer que o diâmetro do átomo é cerca de 127 mil vezes superior ao diâmetro do núcleo, e que, portanto, a probabilidade de atingir este, é bastante pequena. Para melhor materializarmos esta dificuldade, pode-se, grosseiramente, dar o seguinte exemplo: Admitindo que o átomo tivesse o tamanho de uma cabeça de alfinete e que se encontrasse no centro da Praça Marquez de Pombal, em Lisboa, admitindo que ela tivesse uma forma quadrada, cujo lado fosse a dimensão do seu maior comprimento, os electrões planetários andariam pela sua periferia. Suponha-se agora a dificuldade que haveria em querer atingir o núcleo com particulas de dimensões ainda inferiores ao tamanho da cabeça de alfinete, emitidas do exterior da referida praça, e ficar-se-á a fazer uma pádua ideia da dificuldade a vencer. Compreender-se-á, facilmente, que de milhares de projecteis lançados só um ou outro encontra o núcleo.

A probabilidade dos projecteis bombardeantes produzirem transmutações nucleares, dá-se o nome de «secção eficaz». Ela depende das dimensões e resistência do núcleo às transmutações, bem como da natureza e energia dos projecteis bombardeantes.



(Gravura de M. Cabanas)

Reunião, no Porto, em 1884, na Casa das Águas Férreas, residência de Oliveira Martins. Da esquerda para a direita: Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Antero de Quental, Ramalho Ortigão e Guerra Junqueiro

**SEBASTIANISMO E PESSIMISMO  
DE OLIVEIRA MARTINS**

NÃO é novidade para os leitores de Oliveira Martins que toda a sua obra está ensombrada por um desolador e acentuado pessimismo. Também toda a gente sabe que o grande historiador acabou os seus dias a penitenciar-se de supostos erros passados e até de certas ousadas revolucionárias. Pera este estado de coisas contribuiu poderosamente a sua própria intervenção nos negócios do país e o seu fracasso na acção política. Há quem afirme que acabou os seus derradeiros dias a repetir a frase de Herculano: *isto dá vontade de morrer*. A vida política do país afigurava-se-lhe um caos e os políticos não lhe mereciam já qualquer crédito ou consideração. Achava que o país estava numa *choldra*, como

FOR  
**RODRIGUES PENA**

dizia o seu confrade de letras e amigo Eça de Queiroz. Nos últimos tempos mergulhara na leitura dos filósofos alemães; agradavam-lhe principalmente os pessimistas Hartmann e Shopenhauer, cujos conceitos amargos e derrotistas constituíam bom sedativo para as suas desilusões políticas. O pessimismo de Oliveira Martins, ao contrário do que alguns pensam, não brotou da influência dessas leituras dos filósofos, mas enraizava-se na sua acção política fracassada, na falência da sua acção pessoal nos negócios administrativos da nação. É de certo modo sim-

plório afirmar-se que a leitura de determinados livros pode modificar radicalmente a consciência do individuo; até agora, ainda não vimos que um homem cheio de esperanças e vitalidade passasse ao estado oposto, a desinteressar-se das coisas, só porque sobre os seus olhos caiu uma obra de tendências negras. O pessimismo de Oliveira Martins tem pois outros origens.

Poucos escritores contribuíram tanto para demolir o regimen monárquico como o autor de o «Portugal Contemporâneo». A sua «História de Portugal», em muitas das suas páginas, constituiu um autentico libelo contra a Casa de Bragança. Nessa obra o autor escreve: *É se, porventura, as misteriosas leis da vida têm um papel na história, força é reconhecer que na família dos Braganças não vingou a semente da nobre raça dos Nun'Alvares! viu-se em todos eles a descendência do crasso sangue alentejano da filha do Barba-dão*. Os Braganças não passavam pa-

(CONCLUI NA 5.ª PAGINA)

**M. D. M. FALCONER, Lda.**

Por escritura desta data, lavrada nas notas do 8.º Cartório Notarial, a cargo do notário Pedro Augusto dos Santos Gomes, bacharel formado em Direito, pela Universidade de Coimbra, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se há-de reger pelos artigos seguintes:

1.º A sociedade girará sob a firm «M. D. M. Falconer, Lda.»

2.º A sua sede é em Vila Real de Santo António e o domicílio na Rua Artilharia Um, n.º 3; e a sua duração é por tempo indeterminado e o seu começo conta-se a partir da data desta escritura.

3.º O seu objecto é o comércio de comissões, consignações e representações comerciais, bem como todo e qualquer outro ramo de comércio ou indústria que a sociedade resolva em Assembleia Geral, explorar, exceptuadas aquelas para que seja precisa autorização prévia.

4.º O capital é de 20.000.000, dividido em três quotas, subscritas respectivamente por: — Maurice Donald Mackintosh Falconer, 20.000.000 — Alistair Maurice Mackintosh Falconer, 20.000.000, — e, Shoreham Trust Limited, 160.000.000, e todas integralmente realizadas em dinheiro, que já deu entrada na Caixa social.

5.º A cessão e divisão de quotas dependem do consentimento da sociedade, mas são livres quando a cessão é feita a favor dum associado.

6.º No caso de transmissão duma quota a estranho, a qualquer título que seja, tem a sociedade em primeiro lugar e em seguida os sócios pela ordem da importância das suas quotas, direito de opção a tanto por tanto.

7.º É permitida a amortização de quotas nos casos seguintes:

a) Por acordo com o dono da quota amortizada;

b) Quando uma quota for cedida com infracção deste pacto;

c) Quando um sócio falecer ou for interdito por qualquer motivo que seja, inclusivé a falência ou insolvência civil;

d) Quando uma quota for arrolada, arrestada, penhorada ou por qualquer forma apreendida por autoridade judicial, policial ou administrativa;

§ 1.º — Nos casos das alíneas b), c) e d), bastará que a deliberação para amortização seja tomada por maioria absoluta dos votos correspondentes ás restantes quotas.

§ 2.º — A amortização far-se á pelo valor que á quota amortizada resultar do último balanço aprovado.

§ 3.º — O preço da amortização poderá ser pago em quatro prestações trimestrais iguais.

8.º A administração dos negócios sociais, e a representação da sociedade em juízo e fora dele, serão validamente exercidas por um gerente.

9.º No fim de cada exercício, encerrar-se-ão as contas e dar-se-á balanço aos haveres sociais, contas que deverão ser aprovadas até 31 de Março imediato.

10.º Dos lucros apurados deduzir-se-á pelo menos 5% para o fundo de reserva, enquanto for preciso constituir-lo ou reintegrá-lo, o que for necessário para quaisquer outros fundos, e o remanescente será dividido pelos sócios em proporção das suas quotas.

11.º Haverá um fundo de reserva de montante igual ao capital, e poderá criar-se fundos para a previsão das necessidades da Empresa.

12.º As Assembleias Gerais serão convocadas, quando a lei, não prescreva forma e prazo especiais, por carta registada com aviso de recepção, expedida com a antecedência de dez dias da reunião.

13.º Toda e qualquer questão que se suscite entre os sócios ou entre eles e a sociedade, sobre a interpretação ou execução deste contrato, será decidida por três árbitros a nomear oportunamente um por cada parte, e o terceiro por acordo dos nomeados, ou, não havendo acordo pelo Presidente do Conselho Geral da Ordem dos Advogados.

§ Unico — Ao terceiro árbitro competirá a organização e instrução do processo.

14.º Para todas as questões emergentes estipulam as partes o foro da comarca de Lisboa com expressa renúncia a qualquer outro.

Lisboa, 23 de Setembro de 1953  
A ajudante do 8.º Cartório Notarial,  
Odete de Lemos Figueiredo

## Holland-America Line

### SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, MOBILE, Ala., NEW ORLEANS, HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

### “APPINGEDYK”

carrega em LISBOA em 28 de OUTUBRO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«DURANGO» — 19 de Outubro

«DONGEDYK» — 3 de Novembro

«LOCH RYAN» — 20 de Novembro

AGENTES GERAIS

### CARLOS GOMES & C. A. L. DA

15 — Rua dos Fanqueiros — LISBOA

TELEFONES 21143 — 21789

## Abade de Modivas

Correio de Mindelo  
LINHA DO NORTE

Ex.º Sr.

Proprietário da «Pensão Mateus»  
Vila Real de Santo António

Apresento-lhe os meus cumprimentos e venho por este agradecer-lhe, em meu nome e dos meus colegas, todas as atenções que teve para connosco por ocasião da nossa visita ao Algarve no dia 8 do corrente.

Agradeço o bom e barato almoço que nos serviu assim como as facilidades que nos conseguiu para irmos a Ayamonte e a boa companhia que nos fez.

Por tudo estamos muito reconhecidos e desejamos-lhe, e aos seus, muita saúde e muitas prosperidades nos seus negócios.

Modivas, 19 de Fevereiro de 1952.

De V. Ex.ª

Muito Atenciosamente  
P.º Albino Moreira



a única lâmina que barbeia toda a gente!

AGENTES EM PORTUGAL:

Soc. de Rep. Cupertino  
de Miranda & C.ª L.ª

R. S. Francisco, 41-Apartado 205-Porto

Comprou bem? Tem a certeza?  
Ou está arrependido!?  
Veja a marca, e se é «Viresa»,  
creia, ficou bem servido!

Perfeição e economia  
em completo sortimento,  
se na «Viresa» confia  
tudo terá, num momento!



Confecções Viresa, L.ª  
FÁBRICA DE CAMISAS  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## Ao Comércio

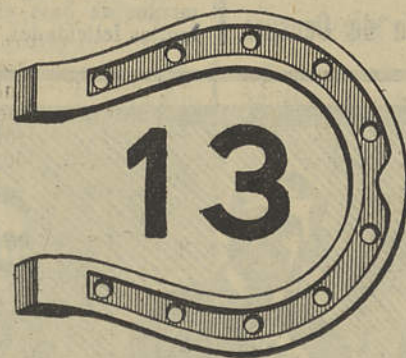
Indivíduo apres., educado,  
longa prática comercial, fan-  
queiro, oferec., para empre-  
gado balcão, viajante ou lugar  
compatível, em casa de mo-  
vimento. Cede refer.

Resposta: Armandino Si-  
mão — Portimão.

# VINHOS DO CARTAXO

MARCA DE VINHOS  
de Consumo e Exportação  
QUE MARCA

O maior «STOCK» de vinhos de mesa,  
licorosos extremadura, aguardente  
vinica e bagaceira da região, aguar-  
dente de ginja e mel centrifugado



MARCA REGISTRADA

PREÇOS EM CONCORRÊNCIA  
PARA TODOS OS MERCADOS

Vinhos licorosos extremadura  
engarrafados das marcas:  
«Treze», «Portugal», «Raquelita»,  
«Minha Ultima Marca»  
e «Aguardente Velha Ribatejo»  
PRODUTOS VINICOS 100 POR CENTO

Execução rápida de todas as encomendas  
Vendas com garantia de baixa  
Compras a dinheiro, vendas a prazo

O Técnico e Provador desta casa  
é o seu Proprietário  
AGENTES EM:  
África e Brazil

Aceito Agentes onde ainda os não tenha

Armazéns de retém:

N.ºs 1 a 9, no Cartaxo em propriedades próprias

BANQUEIROS:

Banco de Portugal  
Credit Franco-Portugais  
London & South America Limited  
Borges & Irmão  
Nacional Ultramarino  
Angola  
Espírito Santo e Comercial de Lisboa  
Banco Português do Atlântico  
Caixa Geral de Depósitos

## ANTONIO NUNES CUNHA

REGISTO COMERCIAL 65-B

CASA FUNDADA EM 1913

CARTAXO — Portugal

Telegramas: «TREZE»

Telefone { 13 - Cartaxo  
27 - Ericeira  
821-Santarém

Sócio Gerente da Sociedade Mineira do Vale da Serra, Lda. — S. Mamede Riba Tua

# Sebastianismo e Pessimismo DE OLIVEIRA MARTINS

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

ra o historiador de creaturas furiosas, doidos, puros mentecaptos. A parir de 1582, ao historiar os acontecimentos posteriores, Rocha Martins enquadra todos esses factos no sebastianismo, no mito sebastianista. O Miguelismo e o Liberalismo não são para O. Martins mais do que novas formas desse mesmo misticismo profundamente enraizado na alma do povo português.

E' visível no seu «Portugal Contemporâneo» o desapeço que o autor tem pelas formas governativas liberais, chegando Teófilo Braga e outros a acusá-lo publicamente de fazer o jogo das forças reaccionárias de D. Miguel. Sem sombras de dúvidas que Oliveira Martins dá como falidos e ultrapassados as princípios do liberalismo, atitude, que aliás, não deixa de ser coerente no autor, dado que o seu pensamento se orientava pelas doutrinas socialistas. O mito sebastianista é para Oliveira Martins o único leit motiv a determinar os acontecimentos nacionais, a única coisa válida e existente no sentimento nacional. Na sua «História de Portugal», escreve: *A alma lusitana, ingénua na sua candidez — tombado agora por terra o edificio imperial, desconjuntado e condenado o sistema de idéias patrióticas que desde o século XVI tinham dado vida à nação — rebentava em soluços, buscando no seio da natureza, onde se acolhia, uma salvação que não podia esperar mais das idéias, dos sistemas, dos heróis, nem dos reis em que tinha confiado por dois séculos. A obra temerária dos homens caía por terra; e o povo, abandonado e perdido, abraçava-se à natureza, fazendo do lendário D. Sebastião um génio, um espirito — e da sua história um mito. O Sebastianismo era pois, uma explosão simples da desesperança, uma manifestação do génio nacional intimo da raça, e uma abdicação da história. Portugal renegava, por um mito, a realidade, morria para a história, desfeito num sonho; envolvia-se, para entrar no sepulcro, na mortalha de uma esperança messiânica.*

O Sebastianismo era pois, para Oliveira Martins, o resultado do descalabro e crise que atravessava o país. Era mais do que isso, significava: renúncia e impotência para a resolução dos problemas nacionais. As clientelas políticas não lhe mereciam a mais leve esperança e começava já a desesperar dos homens. Não deixando, parece, de acreditar nos processos parlamentares de estilo democrático e liberal, da acção das massas nos acontecimentos históricos, Oliveira Martins, por vezes, inclina-se a aceitar como salvação nacional um regime de força, de tipo ditatorial. Numa carta de Eça de Queiroz, tem este desabafo: *Esta crise, meu caro José Maria, veio com efeito provar que Portugal pede um tirano, mas a nossa desgraçada Pátria nem tiranos produz. Tudo é papas! Temos a consistência das alforrecas.*

Oliveira Martins, durante a sua vida, interessára-se sempre pelas questões públicas. Mostrára-se um técnico competentíssimo dos assuntos administrativos e um atento estudioso dos problemas económicos. Homem dotado de penetração e agudeza verdadeiramente excepcionais para os assuntos económicos e financeiros, possuía vasta e actualizada cultura desses assuntos, bastante superior aos homens do seu tempo. Mas só em 1874, começa directamente a intervir nas questões nacionais. Fôra residir para o Porto, como um dos dirigentes da construção do caminho de ferro do Porto à Póvoa de Varzim. E é nessa cidade que surge o movimento político da VIDA NOVA, que mais tarde alguns passariam a denominar de «oliveirismo».

Desse movimento faziam parte, entre outros, Anselmo José Brancamp, chefe do Partido Progressista, Correia de Barros, José Luciano de Castro e António Cândido. Tinha a VIDA NOVA o seu próprio órgão na imprensa, «A Província», de que Martins era o principal redactor. Os objectivos do movimento norteño nas suas linhas esquemáticas, visava combater «pela moralização e melhoria da administração, em geral, em defesa da ordem, equilíbrio e moralização do orçamento do Estado; em defesa do trabalho nacional, pela restauração da industria e defesa das classes desvalidas.» Data desse tempo a adesão do escritor ao partido Progressista e a sua colaboração com o regime monárquico. Esta sua atitude valeu-lhe as críticas acerbas e azedas dos outros partidos políticos, censurando o a imprensa republicana asperamente e acusando-o de tráfuga. Começava assim a sofrer os primeiros amargores de boca.

Os seus dotes invulgarmente de estudioso, a sua reputação de historiador e economista, erguem-no, em determinados

meios intelectuais e até do operariado, á categoria de salvador do país. O próprio rei D. Luis chega a ver em Oliveira Martins o único homem capaz e competente de trazer ás instituições monárquicas nova seiva e um ar de renovação. Candidata-se como deputado do Círculo do Porto várias vezes. Também por várias vezes é convidado a fazer parte de diversos ministérios. Não cabe neste simples artigo de jornal pormenorizar todas as lutas e tricas políticas, os jogos sórdidos de baixa política que conduziram Oliveira Martins ao desespero e renúncia de toda a acção política. A sua passagem pelo ministério constituído por José Dias Ferreira, sobranceando a pasta da Fazenda, não durou mais do que uns escassos quatro meses. O panorama político português apresentava-se nessa altura, em 1892, de tintas carregadas e sombrias. Corria forte desânimo e pessimismo em todos os meios políticos. Mortos os últimos protestos patrióticos suscitados pelo Ultimatum inglês, abafada a revolta do 31 de Janeiro, no Porto, presentia-se para muito breve a derrocada da monarquia.

Oliveira Martins, desiludido e amarfanhado, viaja até á Inglaterra procurando esquecer as suas decepções políticas. E cada vez mais céptico dos homens e dos sistemas, cada vez mais desiludido, olhando com amargura a vida do seu tempo, o escritor, fecha-se no seu gabinete de trabalho, volta-se para o passado, para o período áureo da nossa história. Passa então os seus últimos dias a escrever páginas, onde recorda a «idade do ouro» da pátria, a ressuscitar as figuras heróicas de Nuno Alvares Pereira, os filhos de D. João I, o Príncipe Perfeito, encontrando nesses fastos da nossa história uma compensação para os seus próprios fracassos e um antídoto para os males e ruínas do país. Ganha gosto em vestir-se, o Carlos Mayer trás-lhe boas gravatas de Londres, e o escritor, apurando-se na indumentaria, dedica-se a coleccionar bugigangas, objectos de arte, loijas exóticas, como se não passasse de um homem vulgar com os seus bons gostos de burguês. A sua precária saúde começa entre os amigos a suscitar cuidados. Sousa Cruz, da Nova Companhia da Fundação do Ouro, anuncia-lhe que ele e os seus operários «tinham ido á igreja em acção de graças pelas suas melhoras».

Os últimos dias de Oliveira Martins, a sua acção política fugazmente passageira, a auréola á volta do seu nome, enquadram-se bem dentro do sebastianismo místico que ele ajudou a criar com o seu talento e com o sortilégio da sua prosa colorida. Até a sua preferência pelas descrições vivas das personagens individuais, os seus retratos pintados com inusitado brilho e vigor, influenciaram, certamente, os seus contemporâneos, vendo nesse homem inteligente e sagaz, o único salvador da crise portuguesa.

Sampaio Bruno no seu livro «Os Modernos Publicistas Portugueses», tece acertadamente algumas considerações acerca dessa crença do messianismo do nosso povo!

*«Porém a doutrina falsa (de que a questão não é de idéias, mas sim de homens), é mais simpática á nossa tendência messiânica; sempre esperamos tudo não da iniciativa colectiva da nação mas da iniciativa individual de um salvador. Mas antes do Desêjado, nas crises nacionais, o salvador brotava sempre da aflição como nesse «Mexias» de Lisboa. O Mestre cuja crónica por Fernão Lopes é obra poetica de sabor, se bem que a linguagem já bárbara aos nossos ouvidos. O mexias nos modernos tempos não faltou jamais á miragem affectiva; um Manuel Passos «patriota exímio», Mexias foi em Lisboa; um José Passos «patriota exímio», foi Mexias no Porto. Para os temperamentos violentos e autoritários, o salvador fôra o mesmo Costa Cabral. Para os espiritos cautelosos, tímidos de desperdícios; o salvador seria o Bispo de Vizeu. Teve a sua hora de salvador o sr. Dias Ferreira; seu momento de Mexias o sr. Mariano de Carvalho teve. Tudo se sumiu na voragem. A questão não é de homens. A questão é de idéias. Mas a nossa indolência meridional casase melhor com a doutrina contrária. Sendo a questão de homens, a gente escolhe um que nos cativa as simpatias e a nossa preguiça cerebral delega nele o encargo de pensar. Ele que arranje as coisas; ele que gize planos; ele que leia e medite; ele que agiente com a estopada de estudar. E estudar que estopantíssima massadorias: a economia, a ciencia das finanças, o direito administrativo e outras enormidades assim pelo teor! Nós cá estaremos para o apoiar, para lhe dar força; e ele que descubra o modo de pôr isto no são. Foi o papel que se deu ao sal-*

# Concurso de Trabalho

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

da Soc. Acc. Angelo Parodi Fu B.<sup>mco</sup>, seguiram para a capital, em 21 do corrente, acompanhados pelo representante do júri, do concurso regional e provincial, sr. Alvaro do Carmo Padessa.

As provas realizar-se-hão até 30 do corrente, algumas delas, no Instituto Superior Técnico, Escola Industrial Machado de Castro e outros estabelecimentos congéneres.

\*\*\*

Se registamos com prazer tal representação, não podemos deixar de lamentar a continuação da falta na nossa terra de uma Escola Técnica Profissional, que nos foi atribuída pela última legislação desse ensino.

E isto sem falarmos da velha Escola Commercial e Industrial cujo diploma data de 1924!...

Vila Real de Santo António no sector educativo para menores está muito aquém de qualquer outra localidade, apesar do seu valor Commercial e Industrial, e esta situação não se pode continuar a manter, nem é justa.

Terminada a idade escolar, o menor é praticamente atirado á rua, recebendo dela os ensinamentos tão peculiares, da desordem, do ocio e da vadiagem.

Mas o sector educativo não podemos deixar de vincar o Centro de Adaptação ao Trabalho da M. P. que se mantém em funcionamento há cerca de 8 anos e pelo qual têm passado muitos que pelos ensinamentos ali recebidos auferem hoje satisfatoriamente os seus proventos.

E necessário ampliar a sua acção, ajuda-lo a manter-se, engrossando a sua frequência por critério e vontade das famílias dos menores ou ajuda das autoridades.

Bem sabemos que a obra é presentemente destinada sómente a carpintaria, mas se o desenvolvimento for possível, porque não amplia-la com aprendizagem de serralharia ou outras secções?

Estamos certos que á edildade da nossa terra o assunto lhe merecerá o melhor acolhimento mas é necessário que esse acolhimento não se resume em estudos e projectos. São necessárias realizações, mas postas em execução.

E confiadamente esperamos o regresso dos nossos rapazes, certos de que mais uma vez a nossa terra mostrará que *contra tudo e contra todos* tem o valor que lhe pertence na sua actividade commercial e industrial, por *acção própria e dignificante.*

R. A.

## Armazém

Precisa-se alugar um armazém. Informa a Redacção deste Jornal.

Prefira para os seus seguros a  
**COMPANHIA DE SEGUROS Império**

(uma organização da C. U. F. a 1.ª Empresa da Península Ibérica)

AGENTE EM

Vila Real de Santo António

**AURÉLIO DE BRITO CLEMENTE**

vador Oliveira Martins. Mas nada salvou também este salvador.»

E Oliveira Martins acaba por confessar que *«não tinha ambições de governar povos»*. Mas, de qualquer modo, o homem que mais fizera para escorraçar da nossa mentalidade a ideia de falsos messianismos e procurára dar ao nosso pensamento uma estrutura de inspiração racional, iria um dia, arrastado pelo destino, representar num período curto e agitado da nossa vida nacional, também o papel de *«salvador»*. Bruno tinha toda a razão! *E' que a questão não era de homens, a questão era de idéias.*

Rodríguez Pena

# MARROCOS E NÓS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Assim, em 1521, ao tempo da morte do venturoso D. Manuel, Portugal estava senhor do estreito de Gibraltar e da costa atlantica e marroquina, «...Um cordão de lugares fortes cingia e apertava aquele extenso território, do extremo norte ao extremo sul» (David Lopes). Mazagão mantinha em respeito os mouros da cidade interior de Marrocos (a fran-Marraquech dos nossos dias), como o castelo de Agadir os da interior Tarudante — aqueles «mouros de Marrocos e Trudante» que Camões no final do seu poema incitava o jovem D. Sebastião a *romper nos campos de Ampelusa...*

Sabe-se também como, depois desta arremetida heróica e triunfal, a descida começou...: desde 1534 se pensara na renúncia a Safim e Azamor, renúncia que se tornou efectiva em 1542, com desmantelamento das fortificações tão memoráveis, renúncia agravada no ano seguinte com a perda da fortaleza extrema de Santa Cruz... E' que a força moira havia crescido com a unificação, pelos xerifes da região chamada Drá, desde 1510, levando toda a moirama á guerra santa contra os infiéis e assentando arraiais no reino do Fez cuja capital haviam tomado em 1549, fazendo-nos despejar Arzila e Alcácer-Ceguer. Assim, Ceuta dum lado, Mazagão do outro, e Tânger ao centro, era quanto nos restava da passada glória. Compreende-se pois a *loucura* de D. Sebastião: fazer-se coroar rei de Fez!

Se Alcácer-Quibir trouxe o fim deste sonho, 1640 deixou-nos privados de Ceuta, e por fim Carlos II de Inglaterra levou-nos Tânger no dote da esposa... Só restou Mazagão, a portuguesissima Mazagão que, numa sobrevivência de epopeia se foi mantendo — e se manteria visivelmente (haja em vista o episódio de 1561), se não fosse a irritante politiquice brasileira do poderoso Marquês jofesino, mandando entregar por assim dizer, «de mão beijada», a forticidade, lusitana de gema, cuja população desesperada, ao abandoná-la, a estilhaçou quanto possível.

Já há uns bons vinte anos o inclito Dr. Ricardo Jorge, voltando dum visita a Mazagão, frisava o seguinte: «Mazagão penteia-se e alinda-se para ser a praia de banhos da moda no império xerifiano. Inculca-a como tal o plano docemente inclinado da enseada de fina areia, excelente para o rolar da vaga e o pisar das marroquinas. Sobre os medões da borda erguem-se hotéis e plantam-se vilas pitorescas. Galga por sobre a praia e as ondas, o cimento armado dum pontilhão, rematado em Casino no meio das águas, á laia de Ostende ou de Scheweningue. Marrocos possui aqui o que nenhuma praia portuguesa tem.»

A velha Mazagão, a retintamente portuguesa Mazagão, já-mais poderá ficar esquecida, pelo menos dos portugueses cultos; sabe-se bem porque... «Jaz aqui (lembrava-o o Dr. Ricardo Jorge) uma das mais admiráveis obras de arte dos nossos antepassados — uma quadra subterrânea de 35 metros de lado e 5 metros de pé direito, coberta por abóbadas

artezoadas, sustidas por 5 fiadas de colunas. Trabalho soberbo todo ele, esmerado como se fôra talhado para templo de que são dignas as naves airozas e as magnificas nervuras das abóbadas. Para que seria tão gentil architectura? Para o que era, ainda não há muito, sabe-se bem — um vasadouro de inundicies, que a administração francesa mandou esvair em 1916, não recuando perante os gastos. O que fôra em tempo, também se sabe — uma cisterna, pois que nos pilares se conservam os traços que deixou a tona de água. O luxo da fábrica levou a supôr que se destinara a sala de armas e até a celeiro. Sem querer tomar parte na discussão, inclino-me ao destino utilissimo de arca de água — e se me perguntarem se já viu alguma construção semelhante, responderei que eu próprio a vi — a cisterna bizantina de Constantinopla, ainda mais rica e muito mais ingente.»

Da excelência especial de Mazagão encontro em prospectos actuais do sindicato frances de turismo em Marrocos, referências como estas: «...praia de vários kilometros, de uma segurança absoluta» «...Sendo o seu clima muito agradável e a sua praia muito bela, Mazagão torna-se, de dia para dia, uma estação estival e hibernal mais apreciada. Tem-se-lhe chamado a *Deauville marroquina*...»

Num magnífico album sobre Marrocos, editado há uns vinte anos pelo Protectorado Francês, encontro sobre Mazagão alguma coisa que vale a pena pôr em relevo. Depois de se falar da praia «de areia fina que fará de Mazagão uma das primeiras vilas de plaisance do Protectorado», acrescenta-se: «E' também uma das cidades nas quais os portugueses deixaram do seu domínio as recordações mais imponentes e mais duradoiras. Eles tinham, com efeito, construído á uma verdadeira cidade quadrangular, cingida por uma muralha ameiada, e flanqueada de bastiões, tão forte, que, se se acredita na própria tradição árabe, os assaltos mais furiosos não conseguiram acabar com ela, e os sitiados capitularam unicamente por cansaço.» E não se esqueça o interrogativo comentário de surpresa: «Recursos espirituais e materiais, não os tinham eles, com efeito, quanto era preciso para se aguentarem durante longos anos no seu forte, provido dum igreja, estabelecido sobre uma cisterna de mais de mil metros quadrados e protegido por sólidas muralhas, esses cristãos, lançados, como crianças perdidas, sobre esta costa bárbara?»

Sabe-se que a cidade portuguesa onde a população, desesperada com a incrível injunção do Marquês, pegara fogo a tudo o que possuía e cujas casas fizera saltar ao abandoná-las, foi reconstruída em 1821 por Mulei Abderráman... Reconstrução decerto segundo o tipo anterior, que dá a Mazagão — como ainda a Safim e a Azamor, igualmente da mesma cepa — a caracteristica de panorama que as distingue, inconfundivelmente...

Olhão, 20-X-1958

Francisco Fernandes Lopes

# VIDA DESPORTIVA

Portimonense, 1 — Lusitano, 0

Em continuação do Campeonato Nacional da II Divisão, defrontaram-se no passado domingo, em Portimão, as equipas do Lusitano e do Portimonense.

Os visitados aguardavam a jornada sem grandes preocupações, contando previamente com mais dois pontos que seriam ganhos sem grandes canseiras. Afinal, as coisas decorreram bem diferentemente do previsto, sendo notória a preocupação, tanto por parte dos jogadores como do público portimonense, pela chegada do termo da partida... não viessem quaisquer complicações para os seus planos.

A partida foi mal jogada e, em virtude da carência de lances de perigo junto das balizas e do pouco número de remates bem dirigidos, teve poucos motivos de interesse.

Houve pouca coordenação no traçado das jogadas e os choques e as disputas de corpo a corpo sucederam-se, emprestando uma má fisionomia ao encontro. Daí resultou o lesionamento de vários elementos de *ambos os lados* e o facto pode talvez justificar parte da inferior qualidade do jogo.

Não queremos deixar fugir o ensejo de fazermos uma pequena observação à opinião emitida pe-

## Resultados da 5.ª jornada:

Olhanense, 3 — Almada, 0  
Portimonense, 1 — Lusitano, 0  
Juventude, 2 — Luso, 1  
S. Domingos, 1 — Desp. Beja, 0  
Montijo, 0 — União Sport, 2  
C. U. F., 6 — Farense, 2

lo correspondente, em Portimão, de um dos principais jornais da especialidade do País, quando afirma no seu relato ao jogo, que o Lusitano «bem cedo mostrou a toada que pretendia impor sendo os alvi-negros a grande vítima da fraca actuação do juiz de campo, com o lesionamento de cinco dos seus jogadores».

O comentário e, sobretudo, o que dele se pode deduzir, é bastante infeliz, para o não classificarmos doutro modo.

O crítico portimonense, certamente no intento de atingir melhor os seus fins, esqueceu de apontar que o interior direito do Lusitano, Padesca, logo nos primeiros lances, ficou a sangrar abundantemente da cabeça, jogando o resto do desafio bastante inferiorizado; que o médio de ataque Agostinho suportou dificilmente todo o jogo, a contas com um joelho fortemente tocado; que Germano ficou duas vezes bastante contundido no terreno, regressando com esforço ao balneário; que Balbino teve de ser substituído pelo seu suplente por incapacidade física, etc., etc.. Não, não podemos concordar com tal sistema de fazer crítica...

Apontar apenas as contrariedades sucedidas a uma das partes é parcialismo; querer atribuir à equipa vilarealense prévios intentos de jogo violento ou malicioso é aleivosia.

O golo dos vencedores apareceu, mais ou menos, a meio do primeiro tempo, em consequência da marcação de um livre indirecto, marcado dentro da grande área, castigo que reputamos de excessivamente severo.

Dando um balanço ao decorrer do jogo concluímos que o Portimonense teve certo ascendente territorial, principalmente por ter jogado mais tempo no meio campo contrário, mas na zona compreendida entre a linha da grande área e a do meio do rectângulo. Isto é, os barlaven-

tinios, pela força da sua linha média, carregaram o meio campo adversário, mas os seus avançados na «área da verdade» foram quase sempre batidos pela valentia, decisão e boa posição dos defesas visitantes.

Falemos um pouco do trabalho das equipas, começando pela do Portimonense.

Sem quereremos dar uma opinião definitiva, pois 90 minutos, às vezes, não são suficientes para se julgar do valor de um conjunto de futebol, a equipa não correspondeu ao que dela esperávamos. Isto levando mesmo em linha de conta o afastamento de Garcia, durante a maior parte do jogo.

Na rectaguarda gostámos francamente do defesa central Luz I, que anulou completamente o avançado centro vilarealense e ainda lhe sobrou tempo para acorrer a qualquer dos lados, sempre que a sua presença foi necessária. Defesa duro, elevando-se bem, cabeceando melhor e batendo a bola com perfeição.

Os defesas laterais pareceram-nos, principalmente o direito, vulgares, acusando fraquezas, quando apertados.

A linha de médios foi o compartimento que melhor nos impressionou, apesar da falta de Garcia. Tapam bem o caminho da sua baliza e entregam bem aos avançados.

A linha da frente ressentiu-se, bem sabemos, da falta do elemento que recuou a preencher a vaga do médio magoado, mas ficámos com a impressão de ter pouca rapidez no caminhar para as redes contrárias, abusando de desmarcações e passes laterais, sem o sentido do jogo perpendicular.

No Lusitano, como já o demos a perceber, o melhor sector foi o defensivo que dispôs de três defesas valentes, não obstante o seu pouco peso, decididos, rápidos sobre a bola e denunciando estarem de posse de conhecimentos de um mecanismo defensivo pensado. Por isso, os avançados portimonenses experimentaram sérias dificuldades nas tentativas de manobramento na grande área, onde a antecipação contrária lhes causou sempre graves embaraços.

A linha média fraquejou demasiado, sobretudo pelo lado esquerdo, onde Agostinho esteve muito lento e mal colocado. Nem Rodolfo, que tem vindo a fazer bons jogos, nos deu um ar da sua graça.

A linha da frente se quizer desculpar o seu pobre trabalho, pode apelar para o apoio deficiente que sempre teve da linha de médios. Mas, diga-se a verdade, quando o esférico esteve em seu poder e em condições de ser trabalhado, não teve talento para as necessidades. O deficiente estado físico de Padesca, sabemos, fez descer o poder ofensivo, mas tal facto não chega para explicar tão fraco rendimento.

O «conze», em conjunto, teve classificação medíocre e falhas há que carecem de ser atendidas.

Uma, por exemplo: Regista-se uma errada distribuição no terreno dos componentes do famigerado «quadrado mágico» da equipa, quando esta está a defender e, assim, a equipa encontra sérias dificuldades quando pretende passar ao ataque. Explicamos: Quando o grupo está a defesa, os médios introduzem-se imediatamente na sua grande área (muitas vezes sem necessi-

dade) e os interiores acompanham-nos sistematicamente no seu exagerado recuo. Daqui resulta ficar a equipa dividida em

## FUTEBOL

HOJE

em Vila Real de Santo António

LUSITANO - OLHANENSE

Às 13 horas — Reservas

Às 15 horas — 1.ª Categorias

## CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
União Sport.	5	5	—	—	17	10
Portimonense	5	4	—	1	12	5
Juventude	5	3	1	1	5	7
C. U. F.	5	3	—	2	15	6
Olhanense	5	3	—	2	8	2
Sporting Farense	5	2	1	2	9	5
Montijo	5	2	—	3	9	4
S. Domingos.	5	2	—	3	8	7
LUSITANO.	5	1	1	3	4	6
Luso	5	1	1	3	7	3
Almada A. C.	5	1	—	4	5	12
Desp. de Beja	5	1	—	4	4	13

## OS PESCADORES DE OLHÃO

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

Moçâmedes a bordo do caíque «Flor de Maio».

Alfredo de Albuquerque Felner, autor de um estudo notabilíssimo sobre a colonização dos planaltos e litoral do sul de Angola, informa que este quarto grupo trouxe consigo anzóis e outros materiais de pesca, o que nos mostra claramente que essa gente ia disposta a continuar a dedicar-se inteiramente à sua rude mas apaixonante vida de pescadores.

Estes quatro primeiros nucleos foram os iniciadores da emigração olhanense para o litoral do sul de Angola, que continuou depois a fazer-se com maior ou menor regularidade.

Para quem estude o panorama social dessa colonização, logo ressalta como nota simpática e dominante a fidelidade ao mar que esses homens mantiveram.

Na realidade, uma vez chegados a Angola não os seduziu a penetração para o interior, aliás tão do gosto e do feitio aventureiro do Português.

Não se seduziram tão pouco as possibilidades de triunfo que a vida rural ou comercial lhes abria — e obstinadamente se fixaram na costa, ocupando-a e valorizando-a com os seus conhecimentos e a firmeza tenaz do seu querer.

Muitas povoações de feição essencialmente marítima foram assim por eles criadas e outras já existentes deles receberam decisivo impulso.

De facto, nesse seu afã de trabalho os olhanenses foram litoral abaixo até Porto Alexandre, onde encontraram (e cito agora, uma vez mais, o nome do Dr. Mendonça Torres) algumas pescarias pertencentes a Luís Duarte de Almeida, a José da Silva Nogueira e alguns outros mais.

Todos estes, porém, pouco se quedaram por aquelas paragens e é sem dúvida aos laboriosos pescadores de Olhão que cabe a honra de serem os fundadores da vila que é hoje o segundo núcleo populacional do distrito de Moçâmedes.

No telegrama que citei no

início deste artigo dizia-se que o velho Sebastião Sena, agora com a bonita idade de 80 anos, «é um exemplo de verdadeiro colono que conheceu ainda esta terra (Porto Alexandre), quando ela era um deserto de areias movediças».

Pois nesse deserto de areias movediças souberam os lobos do mar que ali aportaram lançar os alicerces da que é hoje uma das mais prósperas riquezas de Angola: a indústria de pesca.

A um olhanense se deve — segundo diz o historiador Albuquerque Felner — a ideia de levar o peixe seco a S. Tomé, abrindo assim um comércio que é hoje de primacial importância na balança económica de Angola.

Porto Alexandre é presente-mente o primeiro centro piscatório do sul daquela Província e com a sua florescente actividade nesse campo está agora bem longe daquele deserto com que depararam os primeiros colonos olhanenses.

A fundação da Baía dos Tigres também é obra destes. Foi um dos seus — João da Rocha Machado — que ali chegou primeiro do que ninguém.

Hoje todo esse litoral do sul de Angola é um mundo de actividades e trabalhos, gravitando todos estes à roda dessa fonte inesgotável de riqueza que é o mar.

No panorama humano de Angola essas terras têm seu lugar à parte pelas características especiais e inconfundíveis de que se revestem, embora integradas harmónicamente nesse grande e belo todo que é a população branca de Angola, tão portuguesa pelo espírito e pelo coração como as melhores do Continente.

E nessas características não é difícil adivinhar a marca deixada pelos bravos pescadores algarvios que, de geração em geração, ali perpetuam a sua presença, e ali deixam gravado, através dos anos, o sinal do seu ardente lusitanismo e do seu inquebrantável amor pelas coisas do Mar.

Alexandre Sarmiento

Olhanense, 3 — Almada, 0

As duas formações jogaram abaixo das possibilidades

No Estádio Padinha em Olhão, com uma enorme assistência realizou-se no passado domingo o encontro de futebol entre a turma local e o Almada Atlético Clube, saindo vencedores ao fim dos 90 minutos os representantes de Olhão.

O jogo foi arbitrado pelo sr. Francisco Guiomar, da Associação de Beja, e teve início às 15 horas.

O S. C. Olhanense fez no domingo a pior exibição da época. Principalmente na 1.ª parte o grupo foi muito irregular, pois os avançados em especial não tiveram conjunto algum, destacando-se com todo o merecimento Arménio, que pela primeira vez, esta época, envergou a camisola dos antigos Campeões de Portugal.

Na 2.ª parte o Olhanense cresceu um pouco mais, fazendo algumas jogadas de grande perigo, mas quando chegavam à zona de remate todos receavam chutar.

A equipa do Almada desiludiu-nos completamente, pois não mostraram jogo absolutamente nenhum, não fora a tarde acerta-

## Jogos para hoje:

Almada - C. U. F.  
Luso - Portimonense  
Desp. de Beja - Juventude  
União Sport - S. Domingos  
Farense - Montijo

da de Pessoa Duarte, e excelente defesa central o Olhanense teria marcado muitas bolas, embora a equipa tivesse feito uma exibição muito abaixo das suas possibilidades.

Os golos do Olhanense foram marcados por Gomes, Vinício e no segundo tempo por intermédio de Simões.

De registar a estreia dos jogadores, Gomes e Simões que jogaram com muita vontade e bons toques de bola, e mostraram serem jogadores de futuro, embora jogassem este jogo com muitos nervos.

Os grupos formaram assim:

Almada — Moura; Carvalho e Gilberto; Fábio, Duarte e Augusto; Viegas, Moisés, Almeida, Ribeiro e Rendeiro.

Olhanense — Abraão; Graça e João Manuel; Fernandes, Tavares e Toupeiro; Coelho, Simões, Vinício, Gomes e Arménio.

Hoje, em Vila Real de Santo António, o Olhanense já deve apresentar ao público os seus interiores argentinos, Del Duca e Santiago e deve de reaparecer o veterano Grazina, no posto de médio de ataque direito, em lugar de Fernandes.

H. V.

## PENSÃO FELIX

Sobejamente conhecida na nossa Província e em todo o País. A preferida pelos exigentes. Optimos quartos, a mesa mais disputada e apreciada pela nossa digna clientela.

Sala de jantar com bastante luz e com linda vista para o Guadiana. Preços convidativos. Experimentá-la é motivo para preferência.

Praça Marquez de Pombal, 22  
Vila Real de Santo António